

A construção da memória e da identidade das personagens Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria a partir das suas relações com seus objetos biográficos em *O tempo e o vento*

Laiane Coelho Rodrigues¹
Clarissa Loureiro Barbosa²

Resumo

Este artigo pretende estudar a construção das identidades femininas existentes na obra *O tempo e o vento*, tendo como foco de análise a identificação dos objetos biográficos que influenciaram as histórias das mulheres Terra, desde sua origem à consolidação do Rio Grande do Sul. Propõe-se, portanto, observar como a vivência da família Terra Cambará se torna uma expressão de memórias coletivas, relevantes para a criação da memória gaúcha. E, para tanto, analisa-se a relação das personagens Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria com a tesoura, a roca e a vela, enquanto objetos biográficos representativos da memória feminina na família e no Rio Grande do Sul. Dessa forma, este estudo foca na construção da identidade gaúcha mediante a recriação das memórias de mulheres ao longo da história deste estado.

Palavras-chave: Memória; Objetos biográficos; Identidade.

Abstract

This article aims to study the construction of women's existing identities in the book *O tempo e o vento*, having as focus of analysis the identification of biographical objects that influenced the stories of Terra women from its origin to the affirmation of Rio Grande do Sul. It is proposed, therefore, to observe how the Terra family living Cambará becomes an expression of collective memories relevant to the creation of the state memory. And to analyze the relationship of the characters Ana Terra, Bibiana and Mary Valeria with scissors, the distaff and the sail, while biographical objects representative of women in the family memory and Rio Grande do Sul. In this way, this study focuses on the construction of the state's identity by recreating the memories of women throughout the history of Rio Grande do Sul.

Keywords: Memory; Biographical objects; Identity.

¹ Discente da Universidade Federal de Pernambuco

² Docente do curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: clarinhanem@hotmail.com

Introdução

Ao fazer uma analogia histórica, percebe-se que a construção identitária de um povo ou de uma pessoa é de difícil análise, sendo diversos os elementos que corroboram para a sua construção, muitas vezes, em crise. Em *O tempo e o vento*, as protagonistas da obra são as mulheres Terra que servem como arquétipos para a construção identitária feminina gaúcha. A identidade, portanto, será o eixo focal deste trabalho, pois todos nós somos cercados de objetos e fatos, enquanto elementos construtivos da nossa identidade. Assim, serão analisados, neste trabalho, os objetos biográficos (BOSI, 1994) aliados às memórias de personagens femininas, verificando como são ferramentas construtivas das protagonistas Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria.

Partindo desses pressupostos, este trabalho está dividido em três tópicos para uma análise sólida da construção da memória de cada matriarca e seus respectivos objetos biográficos, que as apoiam para a construção identitária das mulheres da família Terra Cambará. Dessa forma, este artigo se organiza da seguinte forma. O tópico *A tesoura como objeto biográfico da construção identitária de Ana Terra e de Bibiana* centra na funcionalidade da tesoura para a perpetuação da família como instrumento de voz feminina. *A roca como objeto biográfico e misto identitário das personagens Terra* foca na relação das mulheres com esse objeto de trabalho e de espera de seus homens. E, por último, o tópico *A vela como objeto biográfico representativo da identidade de Maria Valéria* explica a representatividade da vela como a vida da família, sendo crucial como símbolo de luz/ vida para a perpetuação da memória da família Terra Cambará. Assim, pretende-se, neste trabalho, analisar a construção das personagens Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria, associando-as a seus objetos biográficos enquanto representações de memória da família Terra Cambará e fonte de inspiração para as suas próximas gerações.

A tesoura como objeto biográfico da construção identitária de Ana Terra e de Bibiana

A rotina e os objetos de uma pessoa podem influenciar e padronizar práticas de geração a geração. Assim, objetos e memórias articulam-se para a construção de

identidades, “existindo uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que esta utiliza” (HALL, 2014, p.10) que corrobora para a perpetuação de personalidades, diferenciando-as de outras. Dessa forma, a identidade é construída por meio de costumes, crenças e, até mesmo, por meio do espaço social, tendo uma relação intrínseca com a memória. Diante disso, é sabido que os objetos biográficos são representações da memória coletiva (BOSI, 1994), pois sobrevivem no tempo, trazendo experiências, lembranças e histórias de vida que são passadas de geração a geração, tendo uma relação de afetividade com seus donos, por representarem o que foram e o que serão para seus descendentes. Daí, os objetos biográficos serem constituintes da identidade (BOSI, 1994). Este tópico coloca em evidência a tesoura na construção do perfil das mulheres Terra, como representação da autonomia e voz social das parteiras desta família.

Na história do ocidente, o trabalho das parteiras era tido como um ofício/profissão. Era um saber que se impunha na sociedade como um acúmulo de experiências adquiridas ao longo do tempo. Essa função social era dirigida apenas às mulheres, porque o conhecimento desta prática era apenas transmitido entre elas, sendo, por isso, valorizados por todos. A parteira era, então, considerada uma sábia, dotada de um conhecimento adquirido tradicionalmente. Era comum, até o século XVIII, os partos serem efetuados por mulheres que possuíam essa experiência (SILVA, 2005). Logo, a tesoura, durante séculos, teve a função de objeto biográfico. Só tinham acesso a ela as mulheres que acompanhavam os partos de perto. As filhas ou parentes dessas “parteiras”, com quem usufruíam desse intercâmbio de experiência, recebiam-na como uma herança familiar ou experiencial. Era, portanto, uma função tipicamente feminina. Quando se recorrem aos fatos históricos, não se tem um “parteiro”, há sempre a lembrança de uma mulher experiente, comadre, aparadeira que possui confiança e valorização da família, sendo ela quem intercambia esses valores e saberes para as descendentes. Por isso, a tesoura é uma ferramenta de autonomia, tornando-se símbolo da independência feminina, pois o seu uso e o ato de ser parteira é algo alheio aos homens (SILVA, 2005).

O livro *O continente*, da trilogia *O tempo e o vento*, traz como enfoque essa tradução cultural dos *ethos* das parteiras, mostrando as suas particularidades, ou seja, o seu saber enraizado na memória individual, uma vez que elas têm um saber experimental constituído por vivências em sua memória que transbordam na hora dos

partos. A primeira “parteira” apresentada no livro chama-se Henriqueta, citada apenas como aparato para justificar o futuro de Ana Terra. A referência de dona Henriqueta cortando o cordão umbilical dos seus netos surge para realçar que esse ofício é provindo de experiências/vivências advindas de mulher a mulher no decorrer do tempo.

É Ana Terra, de fato, a primeira parteira atuante na narrativa e a mais importante, por ser a mais madura, mais experiente e mais racional. Após viver momentos discrepantes, essa personagem aprende a enfrentar circunstâncias degradadoras, sendo a tesoura um dos alicerces para mantê-la viva e forte, diante dos impasses a ela lançados. Esse ofício é, portanto, o alimento do espírito guerreiro da personagem, tornando-se seu objeto biográfico, ao apoiá-la nos momentos de crises, sendo, por isso, seu instrumento de construção identitária.

A primeira referência à tesoura no livro acontece na circunstância de nascimento de Pedro Terra, filho de Ana Terra. Nesse momento, ela já é uma representação hereditária, pois esse ato de partejar é constante no livro, sendo um ofício passado da mãe/avó para a filha/neta. Assim, percebe-se o elo de afetividade desse objeto, por representar uma construção de histórias de vida que englobam e se fixam nele. Por isso, a relação de Ana Terra com a tesoura é de respeito, afeto e companheirismo, como se observa nesse trecho “Ana conservava sempre junto de si, à noite, a velha tesoura, pensando assim: Um dia inda ela vai ter a sua serventia” (VERISSIMO, 2004, p.174). Infere-se que ela tinha consigo a certeza de que esse objeto seria uma alavanca em sua vida. Essa convicção é apoiada pela constatação de que o povoado cresceria e que ela era dotada do conhecimento/ experiência de partejar. Logo, seria a parteira, transmitindo o seu “dom”, a sua vivência em prol da memória coletiva de Santa Fé, compreendida como a memória construída por um grupo em um determinado espaço social e cultural (HALBWACHS, 2006).

Ana terra tornou-se se parteira em Santa Fé por ser a mulher mais experiente do vilarejo, sendo a tesoura seu objeto biográfico, representativo de sua experiência construída no lugar. Quando se mostrou apta ao exercício dessa profissão, ficou conhecida como “boa mão”, e sua popularidade era sustentada pela crença da população de que seu sucesso nos partos dava-se por conta de uma sabedoria passada entre mulheres dentro da família Terra. Como se evidencia no trecho: “Naquela noite nasceu o filho de Ana. A avó cortou-lhe o cordão umbilical com a velha

tesoura de podar” (VERISSIMO, 2004, p. 144). O fragmento ratifica a importância simbólica da tesoura cuja força era alimentada por ser um instrumento tipicamente feminino, cujo poder era fortalecido, quando era utilizada pelas mulheres da família Terra no nascimento dos seus descendentes.

Sendo assim, a tesoura vai percorrer o tempo, pois as mulheres vão herdando-a e fazendo dela um objeto de afetividade familiar que lhes fornecerá uma identidade feminina Terra. Ana Terra não só usa a tesoura como constituinte da identidade da família, mas também para a construção da identidade de um povo, tornando-a um dos principais ícones da memória viva da população de Santa Fé, como fica expresso no fragmento a seguir: “Desde esse dia Ana Terra ganhou fama de ‘boa mão’, e não perdeu mais parto naquelas redondezas” (VERISSIMO, 2004, p. 174). Nesse trecho, esse objeto biográfico surge com ênfase, não só de construção de uma família, mas também na de “famílias”. Ana Terra é a mediadora dessa construção, ao trazer à vida os habitantes do vilarejo. A fama da personagem se estende para outros espaços, como se nota: “Às vezes era chamada para atender casos a muitas léguas de distância” (VERISSIMO, 2004, p. 174). Ana Terra é, portanto, a primeira matriarca da família, sendo a tesoura a primeira constituição da sua identidade. Isso fica comprovado quando ela faz o parto da sua neta:

E gente nascia, morria ou se casava em Santa Fé. No inverno de 1806 Ana ajudou a trazer para o mundo seu segundo neto, uma menina que recebeu o nome de Bibiana. Ao ver-lhe o sexo, a avó resmungou: “Mais uma escrava”. E atirou a tesoura em cima da mesa num gesto de raiva e ao mesmo tempo de alegria. (VERISSIMO, 2004, p. 186).

Nesse fragmento, é enfatizado o repúdio da personagem ao ver o sexo da neta. Este mal-estar é justificado pela sua crença de que as mulheres Terra estariam marcadas pela sina de trabalhar, esperar e fiar, como parte de uma tradição familiar abominada pela matriarca. Portanto, a tesoura é o objeto biográfico que constitui a identidade de Ana, por ser o seu primeiro objeto de intercâmbio de experiências com seus descendentes, como afirma Clarissa Loureiro (2014, p. 24):

A função das personagens matriarcas é “intercambiar experiências”, à proporção que assumem a condição de narradoras orais de suas vivências para gerações mais novas, estabelecendo uma comunicação entre passado e presente numa interação face a face.

Ana Terra, enquanto matriarca, transmite o seu *ethos* à Bibiana, não só por meio das narrações orais, mas também por meio dos objetos biográficos que carregam consigo histórias de vida de suas ancestrais. Logo, Bibiana enquanto mulher/ herdeira será responsável pela perpetuação da memória coletiva da família Terra. Apesar de usar a tesoura como herança e “objeto guardado”, tinha-a como algo particular, pois representava a memória viva da sua avó. E, por isso, preservava-a, mesmo utilizando-a em outras atividades, acreditando, assim, que foram poucos os objetos que “sobreviveram” para transmitir o elo familiar das Terra, como se observa na fala da própria Bibiana: “a roca e o crucifixo eram um dos poucos objetos que tinham vindo da estância do bisavô, juntamente com a velha tesoura enferrujada que pertencera a Ana Terra” (VERISSIMO, 2004, p. 232).

Desse modo, a tesoura é um objeto biográfico por ter sobrevivido no tempo. Apesar de ser enferrujada, representa a memória de Ana Terra, lembrada por todos, inclusive para acalmar familiares, como se observa neste trecho: “Não há der ser nada, minha filha. A tesoura de tua avó está aí mesmo” (VERISSIMO, 2004, p. 303). Recorrer à tesoura no momento complicado era saber que, apesar de Ana Terra não estar viva para abrigá-la, ela existia para dar coragem, força, lembrando sua função e história. Por isso, a sua representação como objeto biográfico de Ana e de resgate da sua memória, pois ela foi a matriarca que mais se apropriou desse objeto. Bibiana herda-o, mas não o torna representativo de sua história. No decorrer da sua trajetória existencial, é a cadeira de balanço que marca a sua identidade dúbia. Assim, a relação identitária com os objetos torna-se um traço particular da obra *O tempo e o vento*, pois todas as matriarcas transmitem objetos para suas descendentes, as quais, no decorrer da história, sempre acrescentam um novo que será significativo em sua vida, transmitindo-o, por sua vez, a uma descendente mais jovem. E o ciclo se perpetua de modo que a acumulação de objetos biográficos no Sobrado corrobora para o enraizamento de gerações nesta casa.

A roca como objeto biográfico e misto identitário das personagens Terra

Na História da humanidade, sempre existirá a relação entre fortes e fracos, estando o termo fraco, muitas vezes, associado a mulheres, que sempre foram tidas

como sensíveis e frágeis. Desde o início, segundo os princípios bíblicos, Eva foi considerada como sexo frágil, não resistindo à tentação da serpente. Assim, as reproduções dessa imagem e dos discursos estereotipados fomentaram a construção identitária de estereótipos femininos cristalizados em muitas obras literárias que recriaram tais imagens, segundo uma perspectiva patriarcal. Todavia, este trabalho busca dar outra abordagem para a identidade que:

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2000, p. 13).

De acordo com Stuart Hall (2000), a construção da identidade está intimamente ligada à vivência cultural, modificando-se conforme as relações sociais e, por isso, não se realizando completamente, pois a sua representação depende de uma construção já criada historicamente. Assim, a identidade pode ser entendida como identidades, pois depende da imagem injetada em cada indivíduo sobre o outro. Isso acontece de diversas maneiras em cada cultura e região.

A sobrevalorização de gênero masculino dá-se como um elemento constitutivo das relações sociais, sendo responsável pelas diferenças percebidas entre os sexos, tornando-o o primeiro ditador das relações de poder (BEAUVOIR, 1970). Nas relações entre sexos, há aquele que lidera, evidenciando a soberania em desacordo com o outro. Essa linha de pensamento está impregnada nas obras literárias. Contudo, em *O tempo e o vento*, é criada uma nova abordagem em relação às mulheres que são consideradas o alicerce e o fortalecimento da família Terra. Elas não vão para a guerra, mas atuam de forma ativa na perpetuação da família. Seus homens morrem, e as matriarcas mantêm a continuação da família, numa luta incessante para a preservação de sua memória viva.

O tempo e o vento, apesar de ter sido produzido numa época em que predominava o discurso patriarcal, tem um novo olhar sobre as suas protagonistas, que se tornam ativas pelo intercâmbio das suas experiências, produzidas pela relação com os objetos biográficos e suas descendentes. Dessa forma, esses objetos passam a representar a voz feminina dentro da obra, tornando-se também objetos mistos ou

objetos-sujeitos de perpetuação de valores de um *ethos* do rio-grandense (LOUREIRO, 2014). As mulheres, portanto, destacam-se pela perseverança, foco e estabilidade emocional. Elas lidam com situações dramáticas e nostálgicas, preservando a cultura e a memória da família e mantendo-a viva, como explica Clarissa Loureiro (2014, p. 36).

São mulheres desbravadoras que amadurecem e envelhecem com a sobriedade de sua condição Terra onde a árvore da família deve crescer e se sustentar no Sobrado. Daí serem matriarcas por fazerem o Sobrado manter-se como centro aglutinador de vozes através da função social (LOUREIRO, 2014, p. 36).

Na obra, a roca destaca-se por ser um símbolo da sina do trabalho e da espera, sendo, por isso, mais uma representação da voz feminina. Para Ana Terra, esse objeto representa a rotina e a jornada de trabalho, tornando-se um artifício de memorização de costumes vivenciados, enquanto fia:

Olhava para a roca e lembrava-se dos tempos lá na estância, quando a alma de sua mãe vinha a fiar calada a noite. A roca ali estava, velha e triste, e Ana Terra sentia-se mais abandonada do que nunca, pois agora nem o fantasma da mãe vinha fazer-lhe companhia (VERISSIMO, 2004, p. 181).

Nesse fragmento, é visível a relação entre memória e identidade. Enquanto trabalhava na roca, a personagem lembrava os fatos ocorridos, associando-os ao seu presente e construindo a sua identidade de mulher, que lutou para manter a memória da família viva, apesar dos obstáculos passados. Ana Terra é, portanto, a primeira e a principal matriarca da família Terra Cambará, devido a ser o principal ícone da família Terra, cuja persistência de sua imagem na memória das mulheres garante a permanência e o futuro dos seus descendentes, sem fugir dos traços familiares do passado.

O mesmo acontece com sua neta; Bibiana torna-se o seu eixo e a “coluna” dos Terra Cambará, por ser persistente, sábia e experiente, como se nota no fragmento: “Tia Bibiana tem a cabeça no lugar, e tem boa fibra dos terras” (VERISSIMO, 2004, p. 40). No trecho, reforçam-se as boas ações da personagem, representando a força e os bons costumes da família, e, por isso, servindo de arquétipo para todos. Há, então,

uma sobreposição de imagens entre as mulheres Terra. A repetição de costumes - e, até mesmo, frases da avó para a net - é a preservação de uma imagem feminina como alicerce da família, transformando-se em mais uma matriarca que se utiliza da roca para a fiar o passado de seus ancestrais e o futuro de seus descendentes. A diferença é o propósito de uso deste objeto. Ana repete a tradição das mulheres Terra de usar a roca enquanto ferramenta de trabalho, mas busca rachar esta transmissão de costume na hora da morte, como fica evidente nesse fragmento:

Prometo nunca mais voltar depois de morta para trabalhar na roca, como a minha mãe fazia. Mas o hábito tem muita força. O melhor mesmo é vosmecê também enterrar a roca junto comigo. Assim eu livro Bibiana da sina de trabalhar nela (VERISSIMO, 2004, p. 224).

O trecho expressa a crença de Ana Terra de que a sina de trabalho com a roca é uma herança para as mulheres que a possuíssem. Por isso, almeja enterrá-la para interromper este ciclo. A roca permanece na família, mas passa a ser usada de forma diferente. Bibiana só a utiliza quando está sozinha a fiar esperando pela volta de seu marido da guerra, como está expresso no trecho: “E em certos dias em que o minuano soprava, enrolada num xale e pedalando na roca, Bibiana pensava na avó, que costumava dizer-lhe que o destino das mulheres da família era fiar, chorar e esperar” (VERISSIMO, 2004, p. 305). Logo, a roca é tida como um acalento para a solidão da personagem. Esperar pedalando é acreditar em um futuro melhor, apesar de saber que a roca representava a voz de uma tradição que perpassou o tempo e chegou até ela. E isso era algo traçado do qual não se podia fugir.

A vela como objeto biográfico representativo da identidade de Maria Valéria

Apesar de não ter marido e filhos, Maria Valéria torna-se a matriarca do século XX em *O arquipélago*, última etapa de *O tempo e o vento*. É a anciã portadora da memória dos Terra Cambará e, logo, de seus costumes mais particulares, transportando-os para outras mulheres numa sociedade transformada por valores ocidentais. O seu matriarcado se dá por conta de sua relação com o Sobrado e a vela. É comum na narrativa Maria Valéria ser descrita com uma vela na mão, vagando pelos aposentos da grande mansão, enquanto protege e avalia os familiares que nela

residem. E, por isso, torna-se a sacerdotisa que ilumina, simbolicamente, a casa com seu cuidado e seu julgamento moral de todos. Por isso, seu objeto biográfico passa a ser a vela.

Embora usasse a *cadeira de balanço* e o *crucifixo*, como também objetos biográficos da história da família no Sobrado, é a relação de Maria Valéria com a vela que revela a sua importância de memória viva da família Terra Cambará. É esse vínculo com tal objeto que faz da personagem a guardiã da memória, ao transmitir valores à família, enquanto o carrega pelos corredores do Sobrado. Assim, tem-se uma simbologia da vela como vida e luz, como se observa neste fragmento:

Ah! esqueci uma grande figura... a velha Maria Valéria. Essa é a vestal do Sobrado, que mantém acesa a chama da sua sagrada vela... É uma espécie de farol em cima dum rochedo, batido pelo vento e pelo tempo... Uma espécie de consciência viva de todos nós (VERISSIMO, 2004, p. 41).

Nesse trecho, a própria Maria Valéria é tida como vela. É ela quem ilumina o Sobrado e seus habitantes, mantendo acesa a “chama” da memória dos Terra Cambará. É, portanto, a representação da tradição viva, resistindo às mudanças, como argumenta Clarissa Loureiro (2014, p. 26-27):

A denominação da personagem de “sacerdotisa virgem” exprime a sua função na casa de fonte aglutinadora do passado no presente, fazendo da luz da vela também a iluminação da chama de uma tradição que persiste em resistir, apesar da ação do tempo, substituindo gerações e fatos, e do vento, agindo sobre o espaço, enquanto personificação da mudança ou mensageiro de presságios de morte. Esta ideia clarifica-se quando a personagem se torna a voz da superstição na saga.

A partir das considerações levantadas, Maria Valéria é, em *O arquipélago*, parte sagrada do Sobrado. E a sua vela é uma guia nos momentos conturbados e sombrios, um acalento, uma súplica para que os seus homens voltem para casa, tal qual foi a roca para Bibiana, quando ocupou também a condição de matriarca. Assim, a vela torna-se também a representação da espera, como se observa nesse trecho: “À tardinha, quando a última vela do oratório se achava reduzida a um toco, e a pessegada de Maria Valéria estava já pronta e metida em caixetas, os homens

voltaram para casa” (VERISSIMO, 2004, p.195). Sua importância é tanta para a personagem que passa a ser a chama também da esperança do retorno dos homens Terra Cambará da guerra. Para Maria Valéria, os homens deveriam retornar antes que a chama da vela se apagasse. Era como se, enquanto a chama estivesse acesa, os homens estariam vivos, mas se ela se apagasse, morreriam.

A vela, assim, passa a ter uma função polissêmica na obra, assumindo sentidos diferentes, à medida em que se relaciona com Maria Valéria. Um deles é de colírio para os olhos, pois, por meio da luz da vela, de forma simbólica, pode-se enxergar o que não está exposto na família. Observa-se isso nas vezes em que Maria Valéria saía pela madrugada com a sua vela iluminando os aposentos. “Não raro Maria Valéria saía pelas peças da casa, alta madrugada, com uma vela acesa na mão, a ver se tudo e todos bem” (VERISSIMO, 2004, p. 69).

Outra interpretação que pode ser feita na relação de Maria Valéria com a vela é que esse objeto, quando está aceso, representa um exterior que até então pode ser considerado vivo, luminoso. Mas, quando se apaga, sugere-se o quanto somos sombras dentro de nós mesmos. Loureiro diz que: “A vela dá uma nova conotação à Maria Valéria de guardiã de si mesma, iluminando o caminho da casa e a sua trajetória existencial. E o passado presentifica-se, fundindo a sua memória individual à coletiva do povo gaúcho” (LOUREIRO, 2014, p. 29). Isso pode ser notado nesse trecho: “só tenho pena de quem, de tão seca, não têm lágrimas para chorar.... e soprou a vela” (VERISSIMO, 2004, p. 70). A vela acesa, nesse sentido, serviria como fuga da existência, pois, durante o dia, ela observa e fica no seu absoluto silêncio, mas, à noite, na luz da vela, poderia sentir os sentimentos ou, até mesmo, adivinhar pensamentos que estão atrás, escondidos, revelando até mesmo o seu próprio sentimento, camuflado em sua máscara de monótono túmulo silencioso. O silêncio de Maria Valéria se dá, portanto, por causa da frustração existencial, carregando a amargura da mulher que não pôde procriar, sentindo-se inútil.

É visível que a vela também é um elemento para manter a tradição, pois Santa Fé se modernizou, porém o Sobrado mantém a sua cultura: “Nós continuamos com o lampião de querosene, com a vela e com água de pipa” (VERISSIMO, 2004, p. 202). Assim, mesmo na velhice, a personagem ainda cuida dos familiares com a vela em mãos, circulando pela casa para observar a organização dos seus cômodos, preservando a cultura e hábitos da família Terra Cambará.

Considerações finais

As personagens femininas são essenciais para a construção identitária da família Terra, sendo matriarcas, que usam os objetos biográficos como transmissores de valores de geração a geração, sendo persistentes para a garantia e conservação desses mesmos costumes para as gerações futuras. E isso se dá por meio dos objetos e da memória. Assim, Erico Verissimo transforma suas personagens femininas em arquétipos das mulheres gaúchas. Isso foi perceptível no decorrer do livro, pois tanto a memória, quanto os objetos biográficos são visíveis para a construção identitária das protagonistas, sendo esses expressões de memória coletiva de uma família em que mães e esposas se apropriam de tais instrumentos para amarrarem a suas descendentes a cosmovisão rio-grandense.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, D. Simone. *O segundo sexo; fatos e mitos*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HALBWASCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centavo, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós- modernidade*. Rio de Janeiro: DPYA, 2000.

LOUREIRO, Clarissa. *A memória do Rio Grande do Sul entre a vela e a cadeira de balanço: um olhar crítico sobre a representação do sobrado a partir da sobreposição dos perfis Bibiana / Maria Valéria*. *Ecos*. Recife, Unemat Editora. V. 16, ano 11, n.1: 31-47, 2014.

SILVA, Alzenira Nogueira. *“Pegando vida nas mãos”:* um olhar etnográfico sobre saberes e práticas das parteiras tradicionais nos circuitos do Amapá em mudanças. Fortaleza, 2005. 189 p.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento: tomo I: O continente*. 3º edição. São Paulo. Companhia das letras, 2004.

_____. *O tempo e o vento: tomo II: O continente*. 3º edição. São Paulo. Companhia das letras, 2004.

_____. *O tempo e o vento: tomo II: O retrato*. 3ª edição. São Paulo. Companhia das letras, 2004.

_____. *O tempo e o vento: tomo I: O arquipélago*. 3ª edição. São Paulo. Companhia das letras, 2004.

_____. *O tempo e o vento: tomo II: O arquipélago*. 3ª edição. São Paulo. Companhia das letras, 2004.